



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 306-320, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: a escola e a vida¹

YOUTH AND ADULTS EDUCATION: school and life

Jean Francisco Batistella

RESUMO

O artigo apresenta uma análise sobre o contexto da Educação de Jovens e Adultos no Município de Sinop, Mato Grosso. O objetivo foi analisar as necessidades dos educandos da Educação de Jovens e Adultos em retornarem à escola, considerando a organização de sua vida profissional e as perspectivas familiares. A pesquisa foi de cunho qualitativo baseando-se na abordagem da observação participante para a coleta de dados. Concluiu-se que a Educação de Jovens e Adultos representa uma grande conquista na vida dos educandos, que superaram as adversidades da vida recuperando sua autoestima e tornando-se cidadãos críticos perante a sociedade.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Educando. Sala de aula. Abordagem qualitativa.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: a escola e a vida**, sob a orientação do professor Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop 2018/2.

² Resumo traduzido pela Professora Mestra Betsemens Barboza de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestra em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

This article presents an analysis about the context of Youth and Adult Education in the Municipality of Sinop, Mato Grosso. The objective was to analyze the needs of students from Youth and Adult education when they go back to school, considering the organization of their professional lives and family perspectives. The research had a qualitative approach based on the participant observation technique for data collection. It was concluded that Youth and Adult education represents a great achievement in the students' life, who have overcome the adversities of life by recovering their self-esteem and becoming critical citizens before society.

Keywords: Youth and Adult education. Student. Classroom. Qualitative approach.

Correspondência:

Jean Francisco Batistella. Graduando em Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).
Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: jean.batistella@gmail.com

Recebido em: 11 de maio de 2019.

Aprovado em: 31 de maio de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3529/2470>

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na vida dos alunos que por diversos motivos não conseguiram cursar a escola regular em sua infância e hoje procuram superar as barreiras impostas pela sociedade através do conhecimento adquirido no âmbito escolar. Tendo como objetivos compreender os projetos pessoais e profissionais que levam os educandos a retornarem à escola na modalidade EJA, analisando a organização da vida dos educandos da EJA para poderem voltarem a estudar.

Seguindo a linha de raciocínio de Libâneo (2005) é preciso lembrar que a educação também não ocorre só na escola e devem ser valorizados os processos e práticas de educação não escolar que ocorre diuturnamente neste país a fora, que incluem iniciativas ligadas à qualificação profissional, desenvolvimento comunitário, atividades culturais entre outras, e que tem se constituindo em espaços privilegiados de democratização do conhecimento. De modo que esta perspectiva se aplica a

EJA, partindo de um pressuposto de que ela deve ser pensada para além do processo de escolarização. Pois os adultos já trazem consigo suas experiências de vida e a partir disso constituem a sua opinião que é produto de sua identidade.

Para essa investigação, realizamos a pesquisa com alunos da EJA na Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) - Professor Jurandir Liberino de Mesquita, em Sinop, Mato Grosso, na turma da III fase do Ensino Fundamental. Para a realização de minha pesquisa eu utilizei como principais autores Freire (1988) e algumas outras obras suas de (1990) e (2002), Glat; Santos *et al* (2004), Minayo (1994) e Paiva (1987).

2 O ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

2.1 Conceituando educação e alfabetização de adultos

O termo alfabetização durante muito tempo resumiu-se ao ato de aprender a ler, escrever e decodificar símbolos. Hoje, essa realidade tem mudado, existindo uma amplitude muito maior de que era alfabetizar:

Partindo do pressuposto que alfabetizar vai além do simples codificar e decodificar letras e símbolos, faz-se necessário uma análise do tema dentro de uma abordagem construtivista. Permitíamos pensar os sujeitos e objetos como indissociáveis. Assim fazendo, trataríamos um em função do outro como partes de um mesmo todo como complementares. (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 32).

Alfabetizar, portanto, significa entender o mundo em que o sujeito está inserido, sendo esta parte complementar de um todo, seja este todo, a escola, a sociedade, o estado ou a nação a que faz parte.

Segundo Freire (1990) A educação é um processo que se inicia bem antes da inclusão na escola. Pois trata-se da leitura que o sujeito faz do mundo que o rodeia, nas diferentes formas de relação que estabelece com a escritura, pois a linguagem estabelece o objetivo em seu meio social. Porém, a estrutura de pensamento constitui pouco a pouco a compreensão e a apropriação do conhecimento, pois se um sujeito vier de um ambiente alfabetizado irá compreender o pensamento em forma de conhecimento. Contudo se o sujeito vier de um ambiente não alfabetizado cabe à escola desenvolver

esta habilidade.

Quanto a conceituação de alfabetização de adultos, esta envolve definir seus objetivos, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), “aprovada na 19ª sessão da Conferência Geral em Nairóbi, 26 de novembro de 1976” (BRASIL, 2014, p. 11), a alfabetização de jovens e adultos,

Está universalmente reconhecida como um fator crucial do desenvolvimento político e econômico, do progresso técnico e das transformações socioculturais devendo, por isso, ser parte integrante de todo o plano de educação de adultos. (BRASIL, 2014, p. 166-167).

Desse modo é possível encontrar nas bibliografias autores utilizando do termo “alfabetização de adultos” outros, “educação de adultos”. Para Paiva, (1987, p. 16) a Educação de Jovens e Adultos é:

Toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não logrando alfabetizando-se e obter conhecimento básicos correspondentes aos primeiros anos do curso elementar.

Assim sendo, a educação de adultos envolve um caráter de suplência, de forma a garantir a reposição daquilo que faltou aprender numa época específica para isso. Dessa forma, a Educação de Jovens e Adultos, que ainda não foram alfabetizados, isto é, que ainda não aprenderam a ler e escrever.

2.2 A Educação de Jovens e Adultos e a construção do sujeito: os desafios à vida

Para Paiva (1987), entende-se por educação popular ou alfabetização propriamente dita e educação popular frequentemente oferecida a todas as camadas da sociedade. Para tanto ela deve ser gratuita e universal. Outra concepção da educação popular seria aquela educação destinada aos subalternos de educação popular na sociedade, a instrução elementar, quando possível o ensino técnico profissional. Historicamente refletindo a prática pedagógica no que tange a alfabetização de jovens e adultos observa que o interesse da alfabetização visa atender os indivíduos para desenvolver um papel de produção na sociedade. A leitura e a escrita são vistas como uma forma de inclusão social, pois, os adultos analfabetos ou pouco escolarizados, apropriando-se desta habilidade acredita estar habilitado para exercer seu papel social.

Educação de Jovens e Adultos, torna-se indispensável para atender a necessidade básica de formação apropriada de segmentos da população, que não o fizeram em época condizente. Cabe, portanto, à escola oferecer uma educação transformadora que faz dela um local privilegiado, de construção do saber, atendendo as necessidades que os alunos têm de aprender e exercer a sua cidadania.

Embora já presente no quadro da educação brasileira desde os primeiros momentos do pós-descobrimientos, o ensino da Educação de Jovens e Adultos por fase é normalizado pelas Resoluções CEE/MT 150/99 de 180/00. Resoluções essa do ensino da Educação de Jovens e Adultos, portanto, num período em que significa no país a emergência do projeto desenvolvimentista, projeto esse estudado na ideologia da segurança nacional e fundamental, no pressuposto na ideia da racionalidade que possa permanecer todas as esferas da vida nacional.

O desenvolvimento econômico exige a formação de mão-de-obra qualificada, capaz de atender as novas exigências tecnológicas impostas pela industrialização. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental - PCNs (BRASIL, 2002) a proposta para a Educação de Jovens e Adultos - EJA tem em vista a construção da cidadania através da superação da condição dos indivíduos dirigido para a participação no processo de construção de uma sociedade igualitária, na perspectiva de melhoria da qualidade de vida do cidadão. O objetivo constitui em instrumentalizar os alunos das classes populares para que sejam livres pensadores e criadores de sua própria história, educar para a cidadania significa fazer com que o aluno se constitua como sujeito atualmente na comunidade em que vive, considerando como sujeitos portadores de saberes, que devem ser reconhecidos, garantimos-lhes maior acesso à cultura e mais ampla fruição dos bens culturais, de modo a permitir condições para a construção da consciência crítica as contradições da sociedade, através do desenvolvimento dos seus conhecimentos e da sua autonomia.

É necessário, para isso, o crivo da crítica para um novo redimensionamento dos propósitos da prática pedagógica. “Pensar a prática de hoje não é apenas um caminho eficiente para melhorar a prática de amanhã, mas, também a forma eficaz de aprender a pensar certo” (FREIRE, 1988 p. 76). Os alunos da EJA são sujeitos em busca de sua cidadania, a educação é instrumento indispensável para exercê-la, enquanto indivíduos e membros de uma coletividade precisam tornar-se sujeitos de sua história, a participação e a autonomia da pessoa. O processo pedagógico, desde a alfabetização até o Ensino

Médio, deve ser inebriado pela realização da vida cidadã.

Para Veiga (1998) atualmente, uma função da escola democrática é estar alicerçada em princípios da igualdade e de liberdade, entende assim que a educação como direito e deveres de todos. Por outro lado, a educação possibilita aos indivíduos jovens e adultos retomar seus potenciais, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida, possibilitando um nível técnico e profissional mais qualificado.

De acordo com Freire (1996) a alfabetização é a aquisição da língua escrita por um processo de construção do conhecimento que se dá num contexto de interlocução e interação através da passagem de conteúdo para que os analfabetos, jovens e adultos, se apropriem das condições necessárias para exercícios da cidadania. Quando o educando passa a ter conhecimento da escrita e da leitura terá também uma ampla relação com a comunicação e uma interpretação da realidade, começa então a refletir sobre seus atos, deveres e direitos. E assim associa a aprendizagem à sua realidade, facilitando seu cotidiano, utilizando no seu dia-a-dia o que aprendeu nas aulas. Por isso devemos analisar a importância da Educação de Jovens e Adultos também pelo fato de contribuir com a autoestima do educando, de se encontrar como ser atuante e pensante na sociedade. E sem dúvida será bastante importante para a sociedade que acredita na necessidade de formação, onde o educando seja agente de sua própria história.

A alfabetização, além de ser uma realização para o educando como indivíduo atuante na sociedade, é também a reconstrução da história e não simplesmente representados nela. E para que isso venha acontecer, o indivíduo deve estar preparado e capacitado para pensar, criar, agir, opinar, assim contribuindo para mudanças na sociedade. Na reflexão de Freire:

Todos os homens são seres antologicamente iguais, finitos, inacabados, capazes de procederem à crítica autenticamente, em situações sofrendo, portanto os condicionamentos da realidade, mas sendo capaz de transformá-la porque são seres históricos. (FREIRE, 1988, p. 46).

Visando a importância da educação na vida do ser humano e no desenvolvimento da sociedade é necessário não estagnar, mas pelo menos amenizar a evasão escolar independente de ser na Educação de Jovens e Adultos, mas em todo os níveis de ensino. O homem tem capacidade de transformar sua realidade, basta ousadia aliada à oportunidade de aumentar os conhecimentos que já têm e de conhecer o que ainda não

conhece da nossa realidade e interpretar o que lê, descreve, fala, enfim, tudo que envolve a prática do cotidiano.

3 AS RELAÇÕES NECESSÁRIAS ENTRE A VIDA E A ESCOLA: da metodologia às vivências dos sujeitos

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, a partir da metodologia história de vida. Para Glat; Santos *et al* (2004, p. 235): “este método, ao dar voz aos sujeitos, é particularmente conveniente [...] de campos de conhecimento que lidam com grupos excluídos”. Essa perspectiva de investigação, Glat; Santos *et al* (2004, p. 235), traz embutida, também, uma análise reflexiva, já que o sujeito, ao relatar sua vida, não só descreve suas experiências e visão de mundo; inevitavelmente, identifica suas necessidades e dificuldades, bem como as estratégias de adaptação e superação de sua condição estigmatizada.

Segundo Minayo (1994), a história de vida abrange dois tipos: a história de vida completa, que retrata o conjunto da experiência vivida, e a história de vida tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão. De acordo com Glat; Santos *et al* (2004, p. 235):

A História de Vida, por outro lado, ao utilizar a entrevista aberta, permite que a condução do estudo seja dada pelos próprios participantes, a partir de sua visão de mundo. Ao invés de responder a perguntas pré-determinadas os sujeitos são livres para divergir sobre aquilo que consideram relevante em sua experiência, a forma como vivenciaram os fatos narrados e como esses interferem no presente.

Os alunos que estão inseridos nessa modalidade correspondem a uma realidade diferente com responsabilidades sociais, familiares, valores éticos e morais formados pela experiência e a realidade cultural que vivenciam. São protagonistas de histórias reais e ricas nas experiências vividas. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos, possuindo uma trajetória de luta e sobrevivência.

De acordo com o segundo caderno, a sala de aula como um grupo de vivência e aprendizagem (2006), elaborado pelo Ministério da Educação, juntamente com a Secretaria de Educação a distância, Alfabetização e Diversidade (SECAD), destaca-se que:

A escola representa para eles um espaço ao mesmo tempo de recolocação social, de sociabilidade, de formalização do saber e de desenvolvimento pessoal. Nesse sentido, os alunos jovens e adultos diferem, em muitos aspectos, das crianças, e isto deve ser sempre considerado. Esses alunos precisam ver na escola um espaço que atenda suas necessidades como pessoas, cidadãos e aprendizes em potencial. De sua parte, vão para as salas de aula ávidos por aprender (2006, p. 08).

Ao estender o convite aos alunos para serem participantes da pesquisa, deixamo-nos à vontade para que decidissem participar da pesquisa ou não. Retornamos à escola e marcamos o dia que poderia fazer as entrevistas, ou seja, um 'bate-papo', a partir de questionamentos pré-elaborados em relação à temática abordada. Os sujeitos da pesquisa são compostos de sete alunos, que estão matriculados na Educação de Jovens e Adultos, com a média de idade entre 40 e 60 anos.

Já concluído a tabulação das perguntas, segundo depoimento dos alunos do III ciclo da Escola Municipal Professor Jurandir Liberino de Mesquita³, Sinop, Mato Grosso, 2018. Através dos dados recolhidos, analisados e interpretados, observamos que a maioria é do sexo feminino e que são pessoas com a idade acima dos quarenta anos. A maioria dos alunos tem o objetivo de concluir os estudos da III fase, acreditando que a escolaridade possa alterar a capacidade empregos e salários. É inegável que parte das pessoas que fazem a EJA a vislumbram como um novo recomeço e nova qualidade de vida.

No primeiro momento os alunos foram questionados a respeito do que os levou a voltar a estudar depois de ter se afastado da escola, e estes responderam que:

(01) Aluno 01: Buscar conhecimento e cultura, e passar tempo com pessoas que gostamos, não ficar em casa só.

(01) Aluno 02: Para ter oportunidades de arrumar um emprego melhor.

³ A EJA está dividida em três ciclos. O primeiro corresponde a primeira série no ensino fundamental. O segundo ciclo equivale ao segundo e terceiro anos do ensino fundamental e o terceiro ciclo equivale ao quarto e quinto anos do ensino fundamental.

(03) Aluno 03: Eu queria alguma coisa que me tirasse um vazio que eu sentia, daí voltei a estudar e gostei e vou continuar até me formar.

(04) Aluno 04: Porque quando eu era pequena meus pais não tinham como dar condições de me dar estudo e só este ano de 2018 tive a oportunidade de voltar e estudar.

Podemos observar que através de suas falas é perceptível que os alunos da EJA têm na escola caminhos de alternativas as formas e relações que vivem, mesmo sendo herdeiros do 'não acesso à escola', que explicitam, na visão e compreensões as dificuldades que vivem. Esse é paradoxo presente em suas falas. De uma escola necessária e de uma escola negada. Se aprofundarmos essa compreensão desse paradoxo, há sentimentos que traduzem a uma vida de dificuldades em que a escola 'se apresentava dispensável' e de uma escola que se apresenta como um espaço de formação de oportunidades. Ao mergulharmos em suas vidas, sentimos esse movimento em suas narrativas, ora de tristeza (escola ausente) ora de felicidade (escola da oportunidade). Obviamente que se apresentam no atual estágio como 'agradecidos' por terem essa 'oportunidade', bem diferentes recordações do tempo de crianças.

As histórias de vida dos alunos se identificam, tiveram sua infância em sítios onde a principal obrigação era o auxílio no trabalho de campo, assim não tendo oportunidade de estudos, uma das entrevistas me emocionou muito, onde ela relata que nunca esqueceu o dia que ela estava na primeira série e o seu pai apareceu na escola e a retirou da sala, falando que tinha coisas mais importantes para fazer e que não era o estudo, levando-a a trabalhar na roça. Assim como relatam abaixo:

(05) Aluno 05: Tive uma vida muito sofrida. Eu precisava escolher entre trabalhar e estudar quando era criança.

(06) Aluno 06: Nunca tive oportunidade de estudar. Quando criança eu trabalhava muito na roça e não sobrava tempo para estudar, nossa necessidade na época era outra.

(07) Aluno 07: Com a morte de meu esposo eu me senti sozinha e senti a necessidade de voltar a estudar porque antes eu somente trabalhava.

Entre a vida sofrida a que refere o aluno 5 e a falta de oportunidade do aluno 6, a EJA expressa um campo de novos sentidos para vida, levando-os a ressignificar a vida, naquele duplo movimento paradoxal. O retorno à escola imprime novas leituras de vida e esperanças. Desde o domínio dos códigos de escrita ao fato de visualizarem o ingresso no ensino superior. Para a maioria o simples fato de aprender a ler e escrever já é o suficiente, pois em muitas situações na vida passaram por constrangimentos, como não saber assinar documentos, auxiliar os filhos em leitura, leitura da Bíblia. Esse contexto pode ser visualizado nas narrativas de vida abaixo, em que os entrevistados apontam os alcances possíveis a partir da escola.

(08) Aluno 01: Se fosse jovem eu queria me formar em engenharia, como não a tempo de se associar aos mestres eu busco aderir conhecimento e aprender cada vez mais.

(09) Aluno 02: Aprender a ler e escrever.

(10) Aluno 03: desejo ser professora ou juíza.

(11) Aluno 04: Pretendo estudar para se enfermeira.

(12) Aluno 05: Quero aprender a ler e escrever para ajudar meus filhos nas tarefas da escola e mostrar para eles que eu aprendi também.

A maioria dos entrevistados disseram que um dos principais desafios é ter o dia todo ocupado com seus afazeres diários e a noite ainda ter que ir à escola para estudar, que consideram isso uma batalha que deve ser vencida a cada dia. Contudo, o cotidiano dos alunos da EJA situa uma realidade não menos difícil, porque além da manutenção da vida em empregos extremamente desgastantes e de baixa remuneração, as energias e o cansaço se somam na terceira jornada, o da

escola.

Eis o papel do professor de EJA se intensifica, pois, há a necessidade de uma interação distinta entre aluno e professor. É fundamental que o profissional docente tenha uma sensibilidade pedagógica associada a uma profunda visão social e humana. Além de entender metodologicamente do processo de alfabetização e da escolarização dos adultos. Conforme relatado pelos alunos 5, 6 e 7:

(13) Aluno 05: Eu me sinto feliz com o que eu aprendi e a professora é uma mestra que tem um carinho enorme por todos nós e sempre me incentiva.

(14) Aluno 06: A professora é ótima, sempre paciente e nos escuta quando precisamos de algum conselho ou apenas nos ouvir. Ela explica sempre tudo de forma clara. Ela é ótima!

(15) Aluno 07: O professor é muito especial e ensina de uma maneira que aprendo mesmo de verdade.

Para Freire (2002, p. 35),

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que 'ele se ponha em seu lugar', veta qualquer autonomia de seu aluno, afunda a sua liberdade sem lhe dar o suporte para o socorro.

Nesse sentido, aquele professor que constrói junto com seu aluno no processo educativo, ensinando, participando, com certeza, o implica a vida de seus alunos e também os alimenta de esperanças. Um professor que se pauta na 'cumplicidade' de vida no processo pedagógico e também se inscreve como sujeito, comporá um projeto emancipatório. Esse professor eleva-se a condição de educador, porque está comprometido com a liberdade e autonomia de seus educandos. Freire (2002, p. 66) descreve sobre a liberdade e a autonomia:

A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. A autonomia, enquanto amadurecimento todo dia,

ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.

A liberdade é uma relação construída aos poucos, com paciência, com diálogos, experiências, com saber ouvir e saber falar. A educação dá diversas possibilidades para que estes alunos possam se desenvolver para além da sala de aula e ultrapassar barreiras antes existentes, isso demonstra o quanto é válido todo o conhecimento que adquiriram ao longo de sua caminhada no ambiente escolar.

O educador não pode prescindir da condição humana em suas práticas pedagógicas. Saber que é esse sujeito lhe garante mediações capazes para um vir a ser. Sobre quem é o sujeito do educador, é fundante apreender sua multidimensionalidade que está no mundo e como mundo, de ser e estar na vida, como afirma Freire:

É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. Há uma pluralidade nas relações do homem com o dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade mundo, na medida em que responde à ampla variedade. (1988, p. 39-40).

A maioria também relata que voltar a estudar é um alívio e se orgulham muito, que gostam muito da escola, dos professores, dos colegas de sala, que voltar a estudar é uma nova oportunidade de vida, pois não podiam ir à escola devido a trabalharem em meio rural, e que devido a essa oportunidade é preferível até repetir o ciclo da fase do que passar para frente sem ter aprendido ao todo, e que a escola é mais que um aprendizado e sim uma família onde todos se apoiam mesmo nos momentos mais difíceis. Sendo estabelecido um aprendizado que levarão para a vida como um símbolo de vitória, resistência e persistência. São as vivências desses sujeitos entrevistados, amalgamados pela esperança e pela necessidade de serem

sujeitos que imprimem a escola um sentido de superação, mesmo sob o paradoxo da escola ausente e da escola de oportunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falarmos em educação deve ser lembrado e levado em consideração que o educando da EJA, traz consigo uma visão de leitura própria, estabelecida pela sociedade em que vive. O educador deve lembrar que o educando tem um vasto conhecimento e assim desenvolvendo atividades relacionadas com sua realidade e experiência de vida, mas dentro da proposta pedagógica. A aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos, não deve ser compreendida como séries iniciais e sim uma continuação deste aprendizado. Ao abordarmos a aprendizagem dos jovens e adultos, devemos sempre lembrar que uma criança é dependente em seu aprendizado, aceitando a autoridade do professor. Já na idade adulta se tornam independentes, devendo ocorrer uma maior compreensão do educador, para que haja uma possível iniciação e mudança na sua educação. Para que o educando passe a compreender outras culturas, através dos conhecimentos adquiridos junto ao educador.

Os entrevistados eram homens e mulheres que frequentam a modalidade da EJA que estudam na Escola Municipal Professor Jurandir Liberino de Mesquita em Sinop, Mato Grosso, no III ciclo e estes buscam na escola formas de mudar a sua realidade e a partir desse acesso à escola criam caminhos e alternativas guiadas através de suas narrativas com perspectiva sobre suas histórias de vida. É perceptível que as histórias dos sujeitos se cruzam e caminham em direção pelo mesmo ponto de vista, onde tiveram de escolher entre estudar ou trabalhar.

É essencial que o professor tenha um olhar atento aos alunos e que promova o sentido da escuta de modo que reconheça este aluno como um sujeito de direitos e que possibilite a estes meios de auxiliá-los em seu desenvolvimento através de uma relação dialética tornando assim este processo educativo como um projeto emancipador e este torna-se um educador. Os jovens e adultos através da educação na maioria das vezes conseguem recuperar a sua autoestima. Passando a ser um cidadão atuante perante a sociedade e desenvolvendo a capacidade de agir perante mudanças na sociedade. Não sendo mais visto como mão-de-obra barata e sim pessoas presentes e capacitadas para desenvolver atividades perante uma

sociedade cada vez mais capitalista. Mostrando a todos que são capazes de superar as dificuldades a eles apresentadas ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

ALUNO 01. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Jean Francisco Batistella. **A educação de jovens e adultos: a escola e a vida**, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago/dez 2018.

ALUNO 02. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Jean Francisco Batistella. **A educação de jovens e adultos: a escola e a vida**, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago/dez 2018.

ALUNO 03. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Jean Francisco Batistella. **A educação de jovens e adultos: a escola e a vida**, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago/dez 2018.

ALUNO 04. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Jean Francisco Batistella. **A educação de jovens e adultos: a escola e a vida** Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago/dez 2018.

ALUNO 05. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Jean Francisco Batistella. **A educação de jovens e adultos: a escola e a vida**, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago/dez 2018.

BRASIL. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5^a a 8^a série. Introdução v1, Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 2002. 148 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf. Acesso em: 10 maio 2019.

BRASIL. **Cadernos EJA 2**: Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: a sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem. Brasília, DF: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, 53 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno2.pdf. Acesso em: 10 maio 2019.

BRASIL. **Educação de Jovens e Adultos**: A experiência do MOVA-SP Instituto Paulo Freire. Moacir Gadotti *et al* (org.). São Paulo, SP: Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Fundamental, 1996, 125 p. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/me002448.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

BRASIL. **Educação de adultos em retrospectiva**: 60 anos de CONFINTEA. IRELAND, Timothy Denis; SPEZIA, Carlos Humberto (org.). Brasília, DF: UNESCO, MEC, 2014. 276 p. Disponível em:

http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/educacao_adultos_retrospectiva_CONFINTEA.pdf. Acesso em: 10 maio 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GLAT, Rosana; SANTOS, Rosangela da Silva *et al.* O método de história de vida na pesquisa em educação especial. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, SP: Editora UNESP, v. 10, n. 2, p. 235-250, maio/ago, 2004. Disponível em: https://abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista10numero2pdf/8glatetal.pdf. Acesso em: 10 maio 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê**. São Paulo, Cortez, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: vozes, 1994.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Perspectivas para a reflexão em torno do Projeto Político-Pedagógico**. São Paulo: Papyrus, 1998.